

## Dossiê

### **Aviso de incêndio: o mal-estar no laço educativo e a dimensão sociopolítica do sofrimento escolar**

**Patrícia Fagundes; Rose Gurski**

**Resumo.** Este artigo tece reflexões sobre o mal-estar no laço educativo e seus efeitos no sofrimento psíquico de adolescentes a partir de uma experiência de pesquisa-intervenção realizada em uma instituição escolar do sul do país. Partimos da dimensão sociopolítica do sofrimento de sujeitos escolares a fim de constituir uma estratégia clínico-política de intervenção pela via da presença da escuta e da ética psicanalítica na escola. Destacamos os atravessamentos da nova ordem escolar nas narrativas dos sujeitos escolares em articulação com as desigualdades sociais que se expressam na problemática educacional brasileira, incrementada mais atualmente pelas práticas neoliberais. Inspiradas no aforisma benjaminiano sobre o “Alarme de Incêndio” abrimos novas possibilidades para a escuta do mal-estar e do sofrimento psíquico no espaço da instituição escolar.

**Palavras chave:** escuta-flânerie; psicanálise; educação; adolescência; escola.

### **Aviso de incendio: malestar en el vínculo educativo y la dimensión sociopolítica del sufrimiento escolar**

**Resumen.** Este artículo reflexiona sobre el malestar en el vínculo educativo y sus efectos en el sufrimiento psicológico de adolescentes a partir de una experiencia de investigación-intervención realizada en una institución escolar del sur del país. Partimos de la dimensión sociopolítica del sufrimiento de los sujetos escolares para constituir una estrategia de intervención clínico-política a través de la presencia de la escucha y la ética psicoanalítica en la escuela. Destacamos los cruces del nuevo orden escolar en las narrativas de las materias escolares en conjunto con las desigualdades sociales que se expresan en el problema educativo brasileño, incrementadas más actualmente por prácticas neoliberales inspirados en el aforismo benjaminiano sobre el “Fuego”. Alarma”, abrimos nuevas posibilidades para escuchar el malestar y el sufrimiento psicológico en el espacio de la institución escolar.

**Palabras clave:** escucha-flânerie; psicoanálisis; educación; adolescencia; escuela.

---

\* Psicóloga. Psicanalista. Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura. Pesquisadora associada ao Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (UFRGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: [apatriciafagundes@gmail.com](mailto:apatriciafagundes@gmail.com)

\*\* Psicanalista. Professora do Instituto de Psicologia (UFRGS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica e Cultura (UFRGS) e Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (USP). Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: [rosegurski@ufrgs.br](mailto:rosegurski@ufrgs.br)

## **Fire warning: discomfort in the educational bond and the sociopolitical dimension of school suffering**

**Abstract.** This article reflects about the malaise in the educational bond and its effects on the psychological suffering of adolescents based on a research-intervention experience carried out in a school institution in the south of the country. We start from the sociopolitical dimension of the suffering of school subjects in order to constitute a clinical-political intervention strategy through the presence of psychoanalytic listening and ethics at school. We highlight the crossings of the new school order in the narratives of school subjects, in conjunction with the social inequalities that are expressed in the Brazilian educational problem, increased more currently by neoliberal practices. Inspired by the Benjaminian aphorism about the “Fire Alarm”, we open up new possibilities to listen to discomfort and psychological suffering in the space of the school institution.

**Keywords:** listening-flânerie; psychoanalysis; education; adolescence; school.

## **Alerte incendie: malaise dans le lien éducatif et dimension sociopolitique de la souffrance scolaire**

**Résumé.** Cet article réfléchit sur du mal-être dans le lien éducatif et ses effets sur la souffrance psychologique des adolescents à partir d'une expérience de recherche-intervention réalisée dans une institution scolaire du sud du pays. Nous partons de la dimension sociopolitique de la souffrance des matières scolaires pour constituer une stratégie d'intervention clinico-politique à travers la présence de l'écoute et de l'éthique psychanalytique à l'école. Nous mettons en évidence les croisements du nouvel ordre scolaire dans les récits des matières scolaires en conjonction avec les inégalités sociales qui s'expriment dans le problème éducatif brésilien, accentuées plus actuellement par les pratiques néolibérales inspirés de l'aphorisme benjaminien sur le « Feu ». Alarme», nous ouvrons de nouvelles possibilités d'écoute de l'inconfort et de la souffrance psychologique dans l'espace de l'institution scolaire.

**Mots-clés:** écoute-flânerie ; psychanalyse; éducation ; adolescence ; école.

## **Introdução**

Este artigo busca tecer algumas reflexões sobre as incidências do mal-estar no laço educativo, analisando seus efeitos no sofrimento psíquico de adolescentes a partir de uma experiência de pesquisa-intervenção desenvolvida em uma instituição escolar público-privada do sul do país. Partimos da dimensão sociopolítica do sofrimento de sujeitos escolares a fim de constituir uma estratégia clínico-política de intervenção pela via da presença da escuta e da ética psicanalítica na escola.

A proposta de intervenção realizada em uma instituição escolar de caráter público-privado voltada à educação profissional de nível técnico foi desenvolvida com adolescentes escolares a partir de uma parceria com a escola. O modo como se deu o encontro da pesquisadora com os sujeitos no campo de pesquisa e a análise dos materiais de registro da experiência, concernentes aos aspectos metodológicos da investigação, partiram da articulação entre a ética da Psicanálise com o tema da flânerie trabalhada por Walter Benjamin (1935/2006; 1989), bem como das contribuições de Elkin (2021) acerca da posição da flâneuse. Destacamos que esta articulação

será melhor trabalhada no decorrer do presente artigo.

A partir dos trabalhos do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura NUPPEC/UFRGS<sup>1</sup> sobre o tema da violência juvenil no âmbito da socioeducação, foi possível compreender o quanto o fenômeno da evasão nas escolas configura-se como um efeito da passagem adolescente de jovens das margens que frequentemente chegam de forma fugaz na vida do tráfico (Gurski, 2014). Além dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da socioeducação, a escuta clínica de adolescentes foi evidenciando o quanto a lógica da competitividade e os discursos de intolerância em relação às diferenças tem contribuído para as condições atuais do mal-estar atual em espaços educacionais como a escola e a universidade.

Nesse sentido, várias das pesquisas que desenvolvemos evidenciam que a adolescência contemporânea tem apresentado uma ampla complexidade dos aspectos clínicos e educacionais, evocando questões de ordem individual e coletiva (Gurski, Strzykalski, Perrone, 2020). Isso porque nosso campo de experiência não se restringe meramente aos modos de sofrimento individual do sujeito, mas inclui de forma expressiva a dimensão do lugar que o sujeito ocupa no laço social.

Os resultados da última Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), realizada com estudantes adolescentes, mostram que 21,4% dos entrevistados afirmam sentir que a vida não vale a pena (IBGE, 2021). Diante disso, testemunhamos as estatísticas de mortes autoprovocadas, automutilação e depressão de adolescentes e jovens (Gurski, Strzykalski, & Perrone, 2020). A World Health Organization (WHO) divulgou, no ano de 2019, um relatório indicando que o suicídio apareceu como a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos; sendo que os acidentes de trânsito aparecem como a primeira causa.

Esta realidade demanda uma escuta mais atenta sobre as condições do laço educativo e a tessitura do sofrimento psíquico de adolescentes escolares. Na esteira de tais problematizações, temos pensado que a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2018) dos adolescentes pode estar relacionada aos discursos hegemônicos que atravessam o cotidiano escolar e são intensificados pelo realismo capitalista (Fisher, 2020), bem como pelos efeitos subjetivos que se produzem a partir dos processos de neoliberalização (Safatle, 2021). Neste horizonte, além de investigarmos as condições do mal-estar e do sofrimento psíquico de adolescentes no campo da educação, temos apostado em estratégias de intervenção que nos possibilitam percorrer os meandros da instituição escolar, à contrapelo de uma posição psicologista e subjetivista (Lo Bianco & Sá, 2006), incluindo o sujeito do inconsciente, o método e a ética psicanalítica.

Foi neste panorama que a instituição escolar surgiu como um campo de implicação, ao possibilitar a extensão da psicanálise através da realização deste estudo.<sup>2</sup> Uma das situações disparadoras da pesquisa foi a demanda de uma instituição escolar de ensino técnico profissionalizante supracitada, que nos procurou através do Serviço de Psicologia a fim de tratar o mal-estar que se abateu sobre a escola, especialmente pela sensação de impotência despertada pelo suicídio de um aluno adolescente.

---

<sup>1</sup>Referimo-nos ao eixo Psicanálise, Educação, Intervenções Sociopolíticas e Teoria Crítica do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS). O Núcleo é uma ação conjunta de docentes do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS. Colaboram com o Núcleo docentes, pesquisadores associados, mestrandos, doutorandos e bolsistas de graduação.

<sup>2</sup> Este artigo é derivado da pesquisa de mestrado intitulada *A escuta-flânerie como dispositivo clínico-político na escola: notas de uma pesquisadora-flâneuse* (Fagundes, 2024) desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS.

A escuta do Serviço de Psicologia de forma sistemática nos levou a notar uma certa prevalência de imperativos individualistas, da lógica da competitividade e da ideologia meritocrática na trama discursiva que chegava até nós. Nas reuniões, não eram poucas as vezes nas quais se evidenciava a busca por intervenções com “*vieses patologizantes e individualizantes*”<sup>3</sup> por parte da comunidade escolar, conforme apontaram as psicólogas.

Tal perspectiva vai ao encontro dos efeitos da medicalização da escola e da educação, como um processo ideológico que submete a compreensão de problemáticas sociais, cujo deciframento implica a convergência de vários campos do saber, em detrimento do chamado reducionismo psicologista e biologizante (Voltolini, 2023). Assim, a tessitura da trama discursiva desta instituição escolar somou-se ao que já vínhamos observando na escuta clínica de adolescentes, bem como às expressões de mal-estar e sofrimento psíquico que assolam os docentes e demais trabalhadores da educação.

As psicólogas formularam gradativamente um pedido de “*ajuda para repensar o lugar do serviço de psicologia na escola*”. As questões provenientes desta demanda endereçada pelo Serviço de Psicologia ao Núcleo se articulavam com a nova ordem escolar apontada por Voltolini (2024). O autor refere que a nova ordem escolar consiste em uma crise da institucionalidade escolar, efeito de algumas transformações sociais que tem como cerne o discurso do capitalista (Lacan, 1969-1970/1992) e que pode ser encontrada nas obras de autores de outros campos, como a Sociologia da educação e a Filosofia (Dardot & Laval, 2016; Dardot, 2019), através dos apontamentos acerca das estratégias neoliberais de captura da subjetividade no campo educacional.

Diante disso, alguns fenômenos como a medicalização invadem o campo educacional, se valendo da nova ordem escolar. Uma vez que a medicalização representa uma colonização discursiva gerada pela chegada dos diagnósticos e dos medicamentos no contexto escolar, ela produz impactos sobre o professor e o fazer pedagógico (Voltolini, 2023). A partir desta perspectiva, em articulação com a demanda que nos foi endereçada, nos interrogamos acerca dos impactos que a nova ordem escolar produz na gramática do mal-estar e do sofrimento psíquico dos adolescentes, assim como no modo como se apresentam as dificuldades dos profissionais dos Serviços de Psicologia e de Orientação Educacional no cotidiano da instituição escolar.

A referência ao “aviso de incêndio” enunciado no título do artigo alude a uma cena da qual advém a imagem do lugar onde está situado o Serviço de Psicologia: ao lado de uma enorme porta corta-fogo de cor vermelha. O inusitado que emerge refere-se a uma perspectiva acerca da estrutura arquitetônica da escola que nos remeteu ao estatuto da imagem dialética proposto por Walter Benjamin (1935/2006). Tal evocação ensejou novas interrogações que versam sobre o lugar em que a escuta do mal-estar e do sofrimento psíquico está colocada nesta escola.

### **Construções metodológicas em pesquisa: a *flâneuse* na instituição escolar**

As articulações entre psicanálise, educação e política evocam uma constelação de aspectos psíquicos, educacionais e sociais que convocam as pesquisadoras-psicanalistas a construir estratégias de intervenção próprias a cada pesquisa (Rosa, 2012). No que concerne à dimensão

---

<sup>3</sup> No decorrer deste escrito, as frases ou palavras que aparecem em itálico e entre aspas concernem às falas recolhidas através da escuta-*flânerie* e registradas nos diários de experiência da pesquisadora.

da pesquisa-intervenção<sup>4</sup>, fomos alicerçando um desdobramento da clínica como um modo de viabilizar à pesquisadora-psicanalista uma posição “que resulta de uma aposta pelo caminho que nos leva a escutar os sujeitos em outros sítios que não o espaço do consultório” (Gurski, 2019a, p. 171).

Assim, encontramos um modo de sustentação da ética e da escuta psicanalítica na escola, por meio do dispositivo clínico-político da escuta-flânerie (Gurski, 2019a; Gurski, 2019b). Tal ferramenta — que consiste em uma estratégia clínico-política de escuta — foi construída em meio aos trabalhos do NUPPEC/UFRGS junto à política socioeducativa. Na escuta-flânerie, o flâneur e a flânerie surgem como alegorias que Walter Benjamin toma emprestado da poesia de Baudelaire e são configuradas por Gurski (2019a; 2019b) como um dispositivo que empresta uma posição possível à escuta da pesquisadora-psicanalista na instituição (Gurski, 2008; Pires e Gurski, 2020).<sup>5</sup>

Ao articularmos o pensamento de Benjamin com a psicanálise, trabalhamos com conceitos fundamentais da teoria e da prática psicanalítica enunciados por Freud (1912/2017a), tais como transferência, associação livre e a atenção flutuante. O conceito de transferência (Freud 1912/2017a), além de ser um dos conceitos fundamentais da psicanálise, configura-se como um dos principais alicerces de sustentação do trabalho de escuta-intervenção. A ausência de intencionalidade, comum ao método psicanalítico, ao flâneur e à flânerie, possibilita recolher da trama discursiva os descartes e os restos, viabilizando que novas formulações possam surgir.

Na construção do ensaio-flânerie e da escuta-flânerie (Gurski, 2008; Gurski, 2019a; Gurski 2019b; Perrone e Gurski, 2020; Gurski, Perrone e Strzykalski, 2022), o flâneur foi tomado como o correspondente corporal para a atenção flutuante. A partir das contribuições do trabalho de Elkin (2021), consideramos a necessidade de flexionar a posição das pesquisadoras do NUPPEC, evocando, além da figura do flâneur, a posição da flâneuse, correspondente feminino, pois, enquanto mulheres pesquisadoras, conduzimos nossas investigações a partir dessa posição. Assim, materializamos uma posição de pesquisa no campo da educação atravessada pelo marcador de gênero. É importante sublinhar que este desdobramento surgiu como um dos efeitos da relação transferencial entre a pesquisadora e o campo de pesquisa que decantou através da escrita dos Diários de experiência (Gurski & Strzykalski, 2018; Gurski, 2019a, 2019b; Gurski & Pires, 2020).

Além de tomar como referência a inspiração benjaminiana, a escrita dos diários articula a transferência e a associação livre (Freud, 1912/2017a). É justamente a partir do conceito de transferência e da regra fundamental da associação livre que o diário de experiência se constitui como um dispositivo de registro da pesquisa em Psicanálise. Ao se deixar nortear pela escrita dos diários de experiência, pelo movimento da associação livre e pelas condições da relação transferencial com o campo, a psicanalista evidencia a sustentação da produção do material de registro da pesquisa através da ética da psicanálise.

---

<sup>4</sup> Referimo-nos à escuta-flânerie como um dispositivo de pesquisa-intervenção em razão de sua origem que articula a ética da Psicanálise com o tema da flânerie trabalhada por Benjamin (1935/2006; 1989) considerando o conceito de transferência como alicerce para a sustentação da escuta de sujeitos em outros espaços que não a clínica padrão (Gurski, 2019a).

<sup>5</sup> Para outros detalhes sobre a metodologia da escuta-flânerie ver também Gurski (2014; 2019a; 2019b); Perrone & Gurski (2020); Pires (2018a).

Trata-se, portanto, de um compilado de registros escritos da pesquisadora-psicanalista acerca de suas vivências, experiências e reflexões em suas atividades da pesquisa (Gurski, 2019b). Os diários de experiência consideram a importância dos aspectos transferenciais com o campo de pesquisa como nodais para as análises da investigação, de modo que as vivências possam decantar em experiências (Benjamin, 1994/1933).

### ***Aviso de incêndio: porta de entrada para a pesquisadora-psicanalista na escola?***

Tomemos o registro de uma cena experienciada no momento em que se deu a primeira visita à instituição. A pesquisadora-psicanalista, ao solicitar informações sobre como chegar até o Serviço de Psicologia, é orientada por um jovem atendente que diz “*tu vais reto nesse corredor, dobra à direita e logo vai ver uma porta de incêndio, ao lado da porta de incêndio é a Psicologia*”. Enquanto a pesquisadora-psicanalista flanava pelo corredor, instigada pela palavra “incêndio”, a estrutura arquitetônica do prédio ia apresentando suas nuances, dentre elas, o encontro com uma placa da “Rua Marielle Franco”<sup>6</sup>.

Na “Rua Marielle Franco” estava localizada a sede do “Grêmio Estudantil Maio de 68”. Mais adiante, a enorme porta corta-fogo de cor vermelha situada ao lado do Serviço de Psicologia. Aquilo que no dia a dia institucional passa despercebido pelos sujeitos escolares poderia também passar despercebido pela pesquisadora. No entanto, ganha outras perspectivas aos olhos e aos ouvidos da pesquisadora-psicanalista que, da posição de *flâneuse*, imprimindo o ritmo de lentidão e leveza, consegue perceber o detalhe nos fragmentos cotidianos compostos por cenas, pessoas, lugares e imagens.

A essa imagem, demos o estatuto de “imagem dialética”, proposto por Benjamin (2006). A partir de uma dialética da imobilidade, o ocorrido encontra no agora um lampejo pela via da imagem. Estabelece-se, desse modo, uma relação dialética entre passado e presente que não se trata de uma progressão, mas de uma imagem que salta, pois “somente as imagens dialéticas são imagens autênticas e o lugar onde as encontramos é a linguagem”. (Benjamin, 2006, p. 504). Assim, a imagem da imensa porta corta-fogo de cor vermelha que antecede a chegada à sala do Serviço de Psicologia surge como um lampejo.

Sousa (2009) refere que a imagem dialética tem a condição de iluminar o acontecimento, funcionando como um instrumento óptico. Tal instrumento, nesse caso, permitiu escutar além do que nos foi dito, tornando-se uma imagem disparadora de afetações e questionamentos que nos remeteu ao fragmento de Walter Benjamin intitulado “Alarme de incêndio”. Esse escrito, publicado pela primeira vez no livro *Rua de mão única*, apresenta a posição crítica de Benjamin em relação às ameaças da ideologia do progresso linear. A leitura benjaminiana dos desdobramentos da luta de classes apontava que, se a burguesia não fosse eliminada pelo proletariado antes do progresso econômico e técnico assinalado pela inflação e pela guerra, chegar-se-ia à catástrofe.

O “aviso de incêndio” benjaminiano evocava, portanto, um alerta diante da iminência do acender das chamas, que sinalizavam os avanços do fascismo e do progresso linear que ia em ritmo desenfreado. Embora não apresente Benjamin como referência, podemos dizer que

---

<sup>6</sup> Trata-se de um painel que é uma réplica feita em homenagem à socióloga, ativista e vereadora da cidade do Rio de Janeiro/RJ, Marielle Franco, brutalmente assassinada por questões políticas na noite de 14/03/2018 junto com seu motorista Anderson Gomes. As placas com o nome de Marielle Franco se tornaram símbolo de repúdio às tentativas de silenciamento sobre o assassinato.

Safatle (2016) é nitidamente inspirado nesse escrito ao construir o texto “Quando as ruas queimam: manifesto pela emergência”, escrito no qual se refere às mensagens das mobilizações populares que vêm acontecendo nos mais variados cantos do mundo desde o ano de 2008. Enquanto Benjamin (1928/1987) nos lança para o alerta despertado pelo sinistro de forma enfática, configurando o que Lowy (2005) descreve como uma “premonição histórica”, Safatle (2016) nos incita a interrogar o que fala o fogo e o que se diz sob a forma de fogo quando as ruas queimam. Ou seja, devemos interrogar qual a mensagem de um alerta que chega pela via de um aviso de incêndio.

Em ambas as construções (Benjamin 1928/1987; Safatle, 2016), o incêndio aparece como metáfora “e o fogo chega antes da esperança” (Sousa, 2009, p. 434), diante de um aviso de incêndio que, ao não ser escutado, resulta na explosão catastrófica. Articular as proposições de Benjamin (1928/1987) e Safatle (2016) e o modo como a dialética da imagem da porta de incêndio nos afetou viabilizou a abertura de uma interrogação acerca do lugar em que a escuta do mal-estar e do sofrimento psíquico está colocado na escola.

Seria o lugar do “aviso de incêndio” (Benjamin, 1928/1987) aquele a ser acionado pelos adolescentes escolares diante das ameaças do realismo capitalista (Fisher, 2021)? Neste sentido, seria a dimensão sociopolítica do sofrimento uma manifestação do “risco levado à sua incandescência” (Lacadée, 2011 p. 8)? Ou seja, será o risco à incandescência o que leva os sujeitos escolares, mais especificamente os adolescentes, a acionarem o alarme de incêndio das mais diferentes formas?

Além de se configurar como um espaço ao qual os adolescentes recorrem em busca de escuta e acolhimento, importa destacar que, em nosso país, os serviços de psicologia existentes em algumas instituições escolares são, na maioria das vezes, a porta de entrada para a inserção do psicanalista na escola. Podemos atribuir a aproximação entre psicologia e psicanálise à presença desta chamada “peste” nos cursos de psicologia das universidades brasileiras. Segundo Lo Bianco (2020), essa presença refere-se certamente à história da implantação dos estudos psicanalíticos no Brasil e às particularidades da cultura brasileira.

Na rede pública de ensino, após quase duas décadas de tramitação, recentemente entrou em vigor a Lei n.º 13.935/2019 que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Ainda em processo de implantação, a referida lei foi incluída na Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares (Lei nº 14.819/2024), sancionada em janeiro de 2024 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em uma reportagem sobre a inserção dos psicólogos nas escolas, veiculada em um jornal de grande circulação no estado do Rio Grande do Sul, foi colocada em destaque a fala do presidente da Comissão de Educação do Conselho Regional de Psicologia afirmando que “(...) não podemos ter profissionais nas escolas só para apagar incêndios”. A metáfora usada pelo psicólogo, em articulação com nossa experiência na escola, nos levou a pensar que a porta de incêndio é justamente a porta de entrada de muitos psicanalistas/psicólogos nas instituições escolares.

Muitas vezes, esses profissionais são convocados a atuar no contexto escolar a partir de situações de urgência subjetiva, que demandam intervenções específicas. E foi pela via de uma porta de incêndio, em seu sentido metafórico e literal, que adentramos o Serviço de Psicologia de uma instituição escolar. Após flarmos por entre as falas das profissionais, em um período inicial de familiarização com o Serviço de Psicologia, buscamos viabilizar a escuta na instituição a fim de identificar os efeitos que a ausência de intencionalidade, própria ao método

psicanalítico e à posição da flâneuse, podem evocar quando a pesquisadora-psicanalista adentra a instituição escolar.

### **Psicanálise, educação e política: enlaces e articulações**

Voltolini (2019) questiona o uso da expressão instituição escolar, sustentando sua interrogação na tese acerca do declínio da instituição (Dubet, 2002), a qual propõe a distinção entre organização e instituição, partindo da noção de que há um enfraquecimento das instituições à medida em que as organizações crescem e se complexificam. Nesta perspectiva, a escola vai se configurando como uma organização, em detrimento da instituição. Laval (2019) também aponta a problemática da desinstitucionalização da escola, no sentido da recomposição de um novo modelo, concebendo-a como uma produtora de serviços que, ao ser capturada pelos ideais de rendimento e eficiência, tem sua institucionalidade ameaçada.

Consideramos que essa ruptura, ao destituir a escola de sua função na formação cidadã, coloca em questão o encontro cotidiano dos jovens com uma instituição projetada para aqueles que, com o advento da modernidade, passaram a ser considerados a representação do futuro, ou seja, as crianças e os adolescentes. As escolas brasileiras sempre estiveram reféns das desigualdades sociais e históricas, e nas últimas décadas vêm sofrendo uma séria crise de legitimidade. A captura do campo da educação — seja por lideranças religiosas e grupos conservadores e/ou pelo setor privado e seus fins meramente lucrativos — tem implicado grandes transformações das práticas democráticas e educacionais, agravadas ainda pelos efeitos da pandemia de COVID-19.

Gurski e Lo Bianco (2023) problematizam os recentes ataques às escolas brasileiras e buscam propor modos da psicanálise, como uma teoria crítica em articulação com o campo da educação e da política, a fim de contribuir com um melhor entendimento dos sintomas sociais que atravessam as questões educacionais. Em suas formulações, as pesquisadoras e psicanalistas destacam a naturalização de práticas segregatórias e racistas que constituíram a sociedade brasileira ao longo dos séculos, produzindo diferenças abissais no que concerne ao acesso à formação educacional e aos bens culturais.

Nesta perspectiva, a reforma do Ensino Médio tem sido alvo de debates e disputas. Em vigor desde o ano de 2017, a proposta foi apresentada por meio de uma Medida Provisória (MP 746/2016) aprovada pelo governo Michel Temer, que ocupou a presidência da república de modo ilegítimo após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Importa situar o contexto em razão do caráter antidemocrático que constitui um governo que assume o poder em decorrência de um golpe, tal qual a Ditadura Civil-Militar consolidada após o golpe de 1964. Ambos os períodos são precedentes de reformas que seguem produzindo efeitos nefastos no campo das políticas educacionais, cuja captura pela ascensão do pensamento e das práticas neoliberais reforçam a deterioração do ensino público.

As possíveis consequências da Reforma do Ensino Médio, especialmente a partir da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem a noção de competência como centralidade, reforça o cenário de incertezas que se abateu sobre a escola: *“muitas incertezas com a nova BNCC nessa cultura de exigência e sacrifício em uma instituição que, para se manter, precisa mostrar qualidade”*. A escola se mostra invadida pelas lógicas de produtividade, rentabilidade e pela voracidade do mercado, elementos que aparecem nitidamente nas falas de dois professores. Um deles, utiliza de uma metáfora da “bateria do

celular”, pois tal qual a bateria insuficiente de um celular, ele se sentia com “*apenas um risquinho*”. Além deste, um outro professor, se surpreende ao constatar que “*apesar do cansaço, as empresas continuam procurando nossos alunos*”.

Laval (2019) sublinha um tipo de ideologia que consiste em um dos alicerces da escola neoliberal, a qual denomina de ideologia da profissionalização: “essa ideologia que transforma a política educacional em uma política de adaptação ao mercado de trabalho, é um dos principais caminhos para a perda de autonomia da escola e da universidade” (p. 88). O sociólogo aponta que a profissionalização dos estudos é vista pelas nossas sociedades como uma relação de causa e efeito: a escola se ocupa em preparar para uma profissão e o sucesso escolar visa garantir o êxito profissional e social. Entretanto, interrogamos: onde estão os professores nesta fórmula? Ao custo de quanto sofrimento e exaustão docente se busca preparar esses alunos para uma profissão que atenda às necessidades do mercado?

Essa ideologia se evidencia, ainda, pela queixa de um aluno quando enuncia que a escola “*parece uma indústria*”, referindo-se à estética do prédio e à didática de alguns professores, baseada na disciplina e no controle. Tanto a estrutura arquitetônica da escola quanto a metodologia são justificadas por alguns desses docentes como um “*preparo para o trabalho, já que as empresas funcionam assim*”.

O tema das desigualdades atravessa de modo expressivo a problemática educacional em nosso país. Desta forma, quando impasses da sobrevivência — entre eles, a exclusão dos bens materiais e culturais — impõem aos sujeitos a condição de submissão perante os privilegiados, abrem-se questões importantes para a clínica psicanalítica. Muitas vezes, eles implicam a vicissitude clínica do silenciamento sobre a qual operam ainda os efeitos da racionalidade neoliberal (Dardot & Laval, 2016; Rosa, 2020; Gurski & Lo Bianco, 2023). Assim, os traços que constituem a história do país vão sendo relançados por uma lógica que incrementa as discrepâncias sociais.

Dessa forma, temos testemunhado o empobrecimento da vida psíquica dos sujeitos escolares, especialmente dos adolescentes, como um dos efeitos da construção de políticas e práticas educacionais sustentadas na liturgia empresarial que afetam até mesmo a construção de sonhos e perspectivas de futuro, quando diferem das perspectivas impostas pelo mercado. A emancipação pelo conhecimento torna-se meramente uma ideia arcaica, pois o valor da educação se torna, acima de tudo, econômico, cuja finalidade passa a ser a satisfação de um consumidor, em detrimento de uma formação do cidadão. Essa lógica privatista opera como um fenômeno que se expande para além do sentido do saber e das instituições de transmissão do conhecimento, lógica que invade o próprio vínculo social, produzindo a privatização e a financeirização dos laços sociais.

### **Adolescência e laço educativo: algumas especificidades e impasses sociopolíticos**

Do ponto de vista da psicanálise, a adolescência se apresenta como um tempo de constituição psíquica, cujas novas exigências pulsionais podem produzir algum nível de mal-estar. Esse destino pulsional concerne não só à história singular do sujeito, mas se estende às condições do cenário sociopolítico, produzindo uma importante e indissociável articulação da adolescência com a cultura.

As formulações freudianas (1905; 1916-1917) e as contribuições lacanianas (1957-1958; 1974/2003a) sobre a puberdade, articuladas à experiência clínica com adolescentes, forjou uma

compreensão sobre a adolescência que não a restringe meramente a uma fase natural do desenvolvimento, mas que a situa como uma operação psíquica provocada pela experiência de atravessamento enigmático e invasor da puberdade (Ruffino, 1993; 2005). Essa perspectiva tem se mostrado muito pertinente para pensarmos sobre as implicações e os efeitos da adolescência tanto na clínica quanto no campo da educação (Rassial, 1999; Gutierrez, 2003).

A operação psíquica da adolescência, além de fazer emergir o drama singular de cada jovem no seu âmbito particular, coloca em causa também o laço social. Não é por acaso que temas que concernem ao sofrimento psíquico de adolescentes, como os impasses da sexualidade, o uso abusivo de substâncias psicoativas e o suicídio, não ficam restritos às particularidades de cada um, mas aludem também às incidências do mal-estar na cultura (Gurski, 2012; Rassial, 1999).

Nesse sentido, temos nos interrogado sobre o lugar da adolescência no contexto escolar quando a escola é colocada a funcionar como uma fábrica de engendramento do sujeito neoliberal (Dardot & Laval, 2016), que visa corresponder “à aspiração contemporânea de uma subjetividade sem restos” (Lima, 2020, p. 23). Nesse engendramento desenfreado de si mesmo, enquanto capital financeiro, o sujeito é enredado em um discurso que apaga, progressivamente, os legados alteritários e simbólicos, produzindo-se uma existência solipsista imersa em um infinito processo de automaximação, no qual o sujeito goza do valor de si mesmo (Gurski, Strzykalski, & Perrone, 2021). A interiorização de normas de performance e competitividade, bem como a autovigilância constante para atender à norma, ainda que impliquem sofrimento, são capazes de mobilizar afetos e gerar adesão social, especialmente diante de sujeitos imersos em expectativas, responsabilizados pelos seus fracassos e afastados de suas condições objetivas (Dardot & Laval, 2016; Franco et al. 2021).

Além disso, estamos diante de uma reconfiguração do laço social cujos efeitos ainda não conseguimos mensurar, pois há uma captura dos sujeitos pelas *fake news*, por redes sociais e *selfies*, diante de evidências de um futuro distópico que parece não oferecer perspectivas (Iannini, 2019). Entretanto, algumas das problemáticas que atravessam a escola não consistem em uma novidade ou exclusividade da atualidade, elas se lançam de tempos em tempos e trazem as marcas do tecido social de cada época. Atentarmos para as variáveis sociais e suas possíveis implicações nos modos de sofrimento que incidem nas subjetividades de nossos jovens se coloca como uma tentativa de não cairmos no engodo de restringir as condições atuais meramente a problemas individuais, neuroquímicos e/ou familiares.

Safatle (2021) refere que o sofrimento psíquico conserva uma dimensão de recusa e revolta que se opõe a um sistema social de normas. Neste sentido, aponta que há uma especificidade da abordagem psicanalítica que consiste na transformação do sofrimento psíquico em categoria política central, por indicar expectativas que não são efetivadas no âmbito da vida social. Sob esta perspectiva, a expressão do sofrimento não será compreendida como desvio em relação à norma, mas, como denúncia da articulação entre a instauração da vida psíquica e sujeição social, entre socialização e violência. A disciplina social neoliberal, portanto, almeja anular a dimensão de revolta contra a ordem em direção a transformações sociais que se exprime pela via do sofrimento psíquico.

Diante deste cenário, é importante que estejamos atentos aos efeitos ético-políticos da patologização da adolescência, conforme nos alerta o professor, filósofo e crítico cultural Mark Fisher, em seu texto “Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?”. Fisher (2021) refere que a patologização da adolescência implica no bloqueio de qualquer possibilidade de politização da juventude.

Neste sentido, temos pensado que um dos entraves à elaboração do sofrimento dos jovens, além da destituição de suas palavras, é justamente a despolitização do laço educativo. Alguns registros dos diários de experiência da pesquisadora-psicanalista evidenciam os efeitos da resistência à resignação perante a imposição dos ideais de automaximização (Gurski, Strzykalski, & Perrone, 2020) que incidem na exaustão e no cansaço, bem como nas normas das instituições e nos conflitos relacionais.

Ao flunar pelo cotidiano escolar, a pesquisadora testemunhou, mais de uma vez, o endereçamento coletivo de pedido de escuta à psicóloga da escola. Um desses endereçamentos partiu de uma professora que escutou a recorrência das queixas de cansaço por parte dos alunos e percebeu o quanto essa questão estava afetando eles e a relação deles com alguns docentes. Esta professora construiu, junto aos estudantes de sua classe, a demanda de um espaço de escuta e circulação da palavra que foi endereçada ao Serviço de Psicologia.

A construção de uma Roda de Conversa com os alunos configurou-se como uma proposta de abertura para que os incômodos e impasses pudessem ser colocados em palavras. Durante a Roda de Conversa, os alunos partiram da queixa referente à exaustão e ao cansaço, aspectos que foram associados a um aumento exponencial das atividades escolares, a partir do terceiro ano do curso. *“Eles se autodenominam como “barraqueiros”, referindo-se ao fato de que se queixam e reivindicam. O mal-estar não os torna passivos, pelo contrário, mobilizou o grupo fazendo com que reivindicassem um espaço de escuta para o qual pudessem endereçar estas questões e tentar produzir alguma mudança”*

O modo como estes adolescentes se posicionaram, sem se resignar diante do mal-estar gerado pelos conflitos relacionais e pelo cansaço perante o volume de atividades e o alto nível de exigência, bem como a posição da professora em legitimar as reivindicações, nos levou a refletir acerca das condições que podem ser construídas junto aos adolescentes na escola. Especialmente diante da expressão massiva de quadros de sofrimento e adoecimento mental que, ao serem tomados pela via da responsabilização e/ou culpabilização individual — seja por meio da patologização, da criminalização ou das explicações puramente orgânicas — naturalizam impasses sociais e educativos.

Fisher (2020) destaca os riscos de uma patologização da adolescência no contexto do capitalismo tardio na Grã-Bretanha. No que concerne à dimensão sociopolítica do sofrimento dos adolescentes brasileiros, a medicalização das questões educativas patologiza o sofrimento e destitui os adolescentes de suas próprias palavras. Os jovens passam a ser identificados por meio de diagnósticos psiquiátricos, avaliação de seu rendimento escolar ou por supostos atos infracionais que cometem (Coutinho, 2019).

Neste sentido, temos apostado justamente no avesso da lógica do silenciamento e da patologização que desmobiliza os sujeitos, configurando o que Fisher (2020) nomeia como impotência reflexiva, que consiste em uma visão de mundo não explicitada, na qual os jovens têm consciência de que as coisas vão mal, mas ainda assim colocam-se em uma posição de extrema apatia, como se não pudessem fazer nada a respeito. Desse modo, encontram como saída um estado de hedonia depressiva. Nessa condição há uma busca constante pelo prazer imediato com subtração de toda atividade que implica concentração e atenção prolongada. Todas estas condições retiram a possibilidade de politização da juventude. Ao desconsiderar questionamentos acerca das causas sociais do sofrimento psíquico, reduzem a condição a um problema individual, neuroquímico e/ou familiar.

Nas análises de Fisher (2020), os efeitos do capitalismo neoliberal para a saúde mental e,

sobretudo, o encurtamento da imaginação cultural e política, devem ser articulados com o conceito de dimensão sociopolítica do sofrimento (Gurski, 2023; Rosa, 2016). Neste sentido, podemos pensar que diante de um modelo de instituição escolar que busca se manter pela via do autoritarismo, da disciplinarização e do controle, o estado de hedonia depressiva se apresenta como um imenso desafio cujas soluções não raro costumam encontrar como destino o fenômeno da medicalização. No âmbito da educação, temos visto que o princípio da satisfação instantânea, forjada nos ideais do progresso, traz o fenômeno da medicalização como uma perspectiva de avanço no controle dos transtornos mentais, suprimindo a questão política que compõem o campo educativo (Voltolini, 2023).

## **Considerações finais**

Neste escrito, propomos algumas reflexões acerca dos discursos que produzem mal-estar e sofrimento psíquico, em articulação com interrogações sobre as possibilidades de fazer operar a escuta psicanalítica em outros espaços da cidade afora o consultório do analista. Deste modo, a partir da construção da escuta-flânerie como uma estratégia clínico-política, lançamos algumas condições a fim de fazer operar a escuta psicanalítica e sua ética na instituição escolar.

Sabemos que as problemáticas que atravessam o laço educativo não consistem em uma novidade ou exclusividade do momento atual. O endereçamento de demandas da escola à psicanálise e aos psicanalistas também não é algo recente, conforme podemos constatar no breve texto intitulado “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio” (Freud, 1910/1996b). Tal escrito alude a uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, na qual, após o endereçamento de uma questão formulada por um educador, Freud faz um breve comentário e lança uma reflexão acerca do suicídio de jovens escolares, especialmente das escolas secundárias.

Apesar de destacar que essa não é uma questão que concerne estritamente aos jovens escolares da época, Freud (1910/1996b) sublinha que essa não seria uma razão para que a escola secundária se eximisse de lidar com sujeitos que se encontram em um tempo de instabilidade psíquica. Além disso, postula que a escola deve suscitar no jovem “o desejo de viver”, dadas as especificidades do tempo de adolecer.

Nesta direção, Gurski e Lo Bianco (2023) apontam que a crítica de Freud evidencia o reconhecimento de um impasse que paira sob as instituições educacionais, que consiste na árdua tarefa de ganhar a confiança daqueles que geralmente atravessam uma fase de questionamento da ordem e de toda a autoridade que até então predominou ao seu redor. Tendo em vista as condições do laço social atual, podemos dizer que se trata de uma tarefa delicada considerando que a instituição escolar enfrenta, entre outros desafios, uma grave crise de legitimidade.

Assim, somos convocados a interrogar as condições que a escola tem oferecido e pode oferecer para o adolecer na contemporaneidade, bem como as contribuições que a psicanálise apresenta ao laço educativo a partir da articulação entre os campos da psicanálise, educação e política. Dunker (2023) refere que a educação brasileira, além de padecer de um fracasso em sua já impossível tarefa de educar, padece ainda de um fracasso em fazer desejar. Neste sentido, os efeitos civilizatórios da ética psicanalítica, em tempos de barbarização da cultura, podem despertar o desejo de saber, tendo como ponto de articulação a sustentação da ética do desejo. Trata-se, portanto, de uma aposta de que a escola “pode voltar a fazer desejar” (pg. 13).

Compreendemos, portanto, que a presença de uma pesquisadora-psicanalista na instituição escolar sugere um novo desenho para a extensão da psicanálise. Mais ainda, a instituição escolar situa-se como um campo de implicação para que a função essencial do desejo do analista possa operar, produzindo condições para que o sujeito do inconsciente emergja. Ao flunar pela instituição escolar, na posição de flâneuse, foi possível perceber o desvelamento de gestos, lugares, pessoas e movimentos que só se evidenciam em função da abertura para o imprevisível e o detalhe. Compreendemos que o ritmo desacelerado da flâneuse, inspirada no flâneur de Baudelaire, produz efeitos ético-políticos importantes para uma instituição escolar do século XXI. Com a flâneuse e a flânerie, propomos uma outra temporalidade perante ideais de progresso que forjam suas soluções com base no princípio da satisfação instantânea (Voltolini, 2023).

Ao tomarmos a imagem da porta da sala do Serviço de Psicologia como uma “porta de incêndio”, compreendemos que acionar o alarme configura-se como uma metáfora para o movimento dos adolescentes de buscar o Serviço de Psicologia como um espaço de acolhimento e escuta para seus incômodos e sofrimentos. Segundo Benjamin (1928/1987), o aviso de incêndio consistia em um alerta de urgência perante o acender das chamas que indicavam o ritmo desenfreado do progresso e os avanços dos fascismos. Na atualidade, o alarme de incêndio, ao ser acionado pelos adolescentes, porta indícios dos efeitos que o enredamento do sujeito nos imperativos de competitividade produz.

Desse modo, consideramos que a escuta-flânerie — dispositivo historicamente construído no âmbito da política socioeducativa a fim de viabilizar aberturas de espaços de fala para os trabalhadores da socioeducação (Gurski, 2008; 2014; 2019a; 2019b; Perrone & Gurski, 2020; Pires, 2018a; Pires & Gurski, 2020) — oferece um modo de fazer operar a ética e a escuta psicanalítica também na instituição escolar. Ao desenvolvermos a primeira experiência com a escuta-flânerie na escola, encontramos em sua estratégia de intervenção clínico-política um modo de sustentação de diferentes dispositivos de escuta dos sujeitos na cidade e nas instituições sociais de modo geral. Junto com Gurski (2019a), compreendemos que, ao articular a pesquisa psicanalítica na universidade com as demandas do laço social e a face sociopolítica do sofrimento, a escuta-flânerie alcança a dimensão de um dispositivo clínico e metodológico. Constituindo-se, ainda, como uma ferramenta de inovação no que se refere aos modos da escuta e da ética psicanalítica se fazerem presentes no âmbito da pesquisa psicanalítica na universidade.

## Referências

- Benjamin, W. (1994). Experiência e pobreza. In W. Benjamin, *Magia, técnica, arte e política*. (p. 14-119). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1933)
- Benjamin, W. (2006). *Passagens*. Belo Horizonte; São Paulo: Editora da UFMG; Imprensa oficial do Estado de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1935)
- Benjamin, W. (1987) Rua de mão única. In W. Benjamin, *Rua de mão única* (Obras escolhidas II). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1928)
- Coutinho, L. G. (2019). Mal-estar na escola: o discurso dos professores diante dos imperativos educativos contemporâneos. *ETD: Educação Temática Digital*, 21, 348-362.

- Coutinho, L. G. (2020). Ocupa Escola: tratamento aos impasses da adolescência no laço social? *Estilos da Clínica*, 25(1), 63-76. Doi : <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i1p63-76>
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Dubet, F. (2002). *Le déclin de l'institution*. Paris: Seuil.
- Dunker, C. (2023). Prefácio. In: R. Gurski & N. Lima (Org.), *Psicanálise, Educação e Política na universidade e na cidade* (09-16). São Paulo: Benjamin Editorial.
- Elkin, Lauren. (2021). *Flaneuse*. Fósforo.
- Fisher, M. (2020). *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária.
- Franco, F., Castro, J. C. L., Manzi, R., Safatle, V., & Afshar, Y. (2021). O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In V. Safatle, N. da Silva Júnior & C. Dunker (Org.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 47-75). Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (1987). Conferência XXI - O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol XVI. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1916-1917)
- Freud, S. (1987). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol VII. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996a). Breves escritos: contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 11, pp. 245-246). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2017a). Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (pp. 93-106). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2017b). Sobre a dinâmica da transferência. In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (pp. 107-120). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1912)
- Gurski, R. (2019). Educa-me ou te mato! *Estilos da Clínica*, 24(1), 62-70. Doi : <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i1p62-70>
- Gurski, R. (2019a). A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico no encontro entre Psicanálise e Socieducação. *Tempo Psicanalítico*, 51(2), p. 166-194.
- Gurski, R. (2019b) A escuta-flânerie como efeito do encontro entre psicanálise e socioeducação. In: R. S. Gurski, & M. R. Pereira (Org.). *Quando a psicanálise escuta a socioeducação*. Belo Horizonte: Fino Traço.
- Gurski, R. (2008). *Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Gurski, R. (2012). *Três ensaios sobre juventude e violência*. São Paulo: Escuta.

- Gurski, R. (2014). Três tópicos para pensar (a contrapelo) o mal-estar na educação. In: Voltolini, R. (org.). *Retratos do mal-estar na educação contemporânea* (pp. 25-45). São Paulo: Escuta; FAPESP.
- Gurski, R., & Strzykalski, S. (2018). A pesquisa em psicanálise e o “catador de restos”: enlaces metodológicos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 21(3), 406-415. Doi : <https://doi.org/10.1590/s1516-14982018003012>
- Gurski, R., Strzykalski, S., & Perrone, C. (2020). O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação. *Tempo Psicanalítico*, 52(2), 357-383.
- Gurski, R., Perrone, C., & Strzykalski, S. (2021). Genocídio de jovens negros e a violência (im)pertinente no Brasil contemporâneo: o fantasma da colonialidade e a produção do desejo do fascismo atual. In J. de O. Moreira, & M. D. Rosa (Org.). *Violência e psicanálise: atualizações intersaberes* (270-317). São Paulo: Edusp.
- Gurski, R., Perrone, C. M., & Strzykalski, S. (2022). A flânerie e a investigação psicanalítica na instituição socioeducativa. In: Pereira, M.R; Delaffon, S.D.; Moyano, S.; Ronchese, C. (Orgs.) *El sujeto desafiado: accion educativa, intervencion clinica y social*. Rosario: Laborde Libros, pp. 119-134.
- Gurski, R., & Lo Bianco, A. (2023). A escola sob ataque e o lento cancelamento do futuro. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 23(4), 1560-1576. Doi : <https://doi.org/10.12957/epp.2023.80443>
- Gutierra, B. (2003). *Adolescência, psicanálise e educação: o mestre “possível” de adolescentes*. São Paulo: Avercamp.
- Iannini, G. (2019). O tabu do suicídio. *Revista Cult*, ano 22, (250), 26-28.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)*. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2003a). Prefácio a O despertar da primavera. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 557-559). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2020). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacadeé, P. (2011). *O despertar e o exílio : ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro, RJ: Contracapa.
- Laval, C. (2019). *A escola não é uma empresa : o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. São Paulo: Boitempo
- Lo Bianco, A. C., & Sá, R. (2006). A objetividade do experimento: a elisão do sujeito e de seu ato. In A. Bastos (Org.), *Psicanalisar hoje* (pp. 67-78). São Paulo: Contracapa.
- Lo Bianco, A. C. (2020). Psicologia e psicanálise no Brasil: ainda um lugar para o sujeito. In R. Voltolini, & R. Gurski (Org.), *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação* (pp. 24-41). São Paulo: Contracorrente.
- Löwy, Michael (2005). *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo.

- Perrone, C. M., & Gurski, R. (2020). Do ensaio-flânerie à escuta-flânerie: contribuições ao campo das pesquisas em psicanálise e (socio)educação. In R. Voltolini, R., & R. Gurski (Org.), *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação* (pp. 63-80). São Paulo: Contracorrente.
- Pires, L. P. (2018a). *A construção da escuta-flânerie: uma pesquisa psicanalítica com agentes socioeducadores que atendem adolescentes em conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Pires, L., & Gurski, R. (2020). A construção da escuta-flânerie: uma pesquisa psicanalítica com socioeducadores. *Psicologia USP*, v. 31, Doi : <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180128>
- Rassial, J.J. (1999). *O adolescente e o Psicanalista*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Rosa, M. D. (2012). Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clinicopolíticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 41-42, 29-40. Recuperado em 5 maio 2024, de <http://www.apboa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista41.pdf>
- Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta; FAPESP.
- Ruffino, R. (1993). Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: C. R. Rappaport R. (Org.). *Adolescência psicanalítica* (pp. 25-53). São Paulo: EPU.
- Ruffino, R. (2005). A adolescência e o declínio da função social da imago paterna. *Textura: Revista de Psicanálise*, 5, 44-51
- Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: V. Safatle, N. da Silva Júnior, C. Dunker (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 17-46). Belo Horizonte: Autêntica.
- Safatle, V. (2021). Introdução In: V. Safatle, N. da Silva Junior, C. Dunker (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 17-46). Belo Horizonte: Autêntica.
- Safatle, V. P. (2016, 17 de junho). Quando as ruas queimam: acerca da insurreição de seus significados. *Folha de S. Paulo. Ilustrada*.
- Sousa, E. (2009). Aviso de incêndio. *Temas em Psicologia*, 17(2), 433-436. Recuperado em 5 de maio de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2009000200014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200014&lng=pt&tlng=pt)
- Voltolini, R. (2019). A insustentável leveza da escola. *Estilos da Clínica* 24(03), 380-383. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p380-383>
- Voltolini, R. (2023). A morte da escola: medicalização, um patrimônio sem legado In: R. Gurski & N. Lima (Org.), *Psicanálise, Educação e Política na universidade e na cidade* (119-136). São Paulo: Benjamin Editorial.
- Voltolini, R. (2024, 27 de maio). *A nova ordem escolar*. [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=OXQAEas8wvI>

**Revisão gramatical:** Artur Camargo  
**E-mail:** [arturcamargo.bg@gmail.com](mailto:arturcamargo.bg@gmail.com)

Recebido em junho de 2024 – Aceito em outubro de 2024.